

## ALTERIDADE EM ESPAÇOS GENTRIFICADOS A PARTIR DO PROJETO CAMINHOS DA DANÇA NA RUA.

SARAH LEÃO LOPES<sup>1</sup>; DEBORA SOUTO ALLEMAND<sup>2</sup>

*<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – sarah.leao.lope@gmail.com*

*Universidade Federal de Pelotas– deboralleman@hotmail.com*

### 1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho é resultado de um processo de experiências expressivas na rua, uma “corpografia”<sup>3</sup> cartográfica com uma visão antropológica aliada a pesquisa em dança. Caminhos da Dança na Rua é um projeto híbrido composto por pessoas vinculadas a diversas áreas de saberes, tornando-se um espaço de criação extremamente multidisciplinar e colaborativo. As ações em que este trabalho se baseia foram compostas por duas pessoas da dança, duas do cinema e uma da Antropologia, sendo que outros corpos já atravessaram e deixaram suas presenças físicas e simbólicas em nossas manifestações artísticas esporádicas.

A idéia de levar o saber do corpo, pelo corpo, como componente importante e específico para a composição dos espaços urbanos é levada ao cabo por nossas ações in rua aonde não existe intermédio de um palco ou de um espaço reservado para o ato cênico. A performance como linguagem híbrida, e também como linguagem escolhida pela possibilidade de hibridização de idéias – algo já colocado pela própria formação do grupo em si – permite que façamos no momento presente propostas geradas instantaneamente, rompendo assim uma perspectiva de espetáculo;

O suporte videográfico sempre esteve presente no “caminhos” antes com teor mais documental para que nós pudéssemos acompanhar a trajetória que estava sendo construída, e também para compreender o impacto causado pelas ações que efetivávamos nas ruas. Foi então que para uma proposta pensada para um evento que focamos no registro fílmico, gerando assim mais uma linguagem híbrida que pode estar entre vídeo-dança e vídeo-performance. Se antes o registro pelo vídeo era um suporte necessário para nosso desenvolvimento como artistas e pesquisadorxs<sup>4</sup>, agora se tornou uma “obra” a mais das nossas ações.<sup>5</sup>

O registro passa pela edição e isso transforma a ação executada em tempo presente em uma obra artística independente, elaborada por um olhar redefinido e transposto em efeitos, cortes pausa, trilha etc<sup>6</sup>. A possibilidade de ser reproduzida

---

<sup>1</sup> Graduanda em Antropologia Social, Bolsista do projeto Caminhos da Dança na Rua.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Dança da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>3</sup> Corpografia é um termo utilizado por Britto e Jacques(2008), uma é crítica e professora de dança e a outra uma urbanista e arquiteta. Elas atentam o olhar sobre o corpo como componente ativo e reativo dos espaços urbanos.

<sup>4</sup> Escolhi usar o “X” por respeito a atual busca por respeito às diversidades existente, sendo possível refutar a escolha caso seja necessário.

<sup>5</sup> Os vídeos foram gravados e editados por Camila Albrech e Takeo Ito, participantes do caminhos, cineastas e integrantes do coletivo NOZ audiovisual. Link: <https://vimeo.com/nozaudiovisual>

<sup>6</sup> Considera-se, no entanto, que a videodança é resultado, sobretudo, de uma prática colaborativa ao que depende frequentemente da interação de diversos participantes em suas dimensões criativas onde a

diversas vezes também trouxe benefícios. Recuperar uma ação que só existe no momento presente como a performance e poder mostrar o resultado das nossas caminhadas para outras pessoas. Ampliando a possibilidade de se gerar um efeito de despertar, para o intento da exploração dos espaços gentrificados que as cidades apresentam. Assim o recurso fílmico se tornou uma ferramenta importante que torna possível a mudança do olhar sobre o espaço que habitamos tanto para nós que executamos na prática e sentimos no corpo, quanto para quem nos assiste – presencialmente ou em vídeo – todos são atravessados pela questão suscitada, a redefinição de sentido do espaço habitado e assim a reapropriação de um devir fazer-cidade<sup>7</sup>. Partindo desta concepção, é necessário despertar esta sensibilidade e esta responsabilidade social, que é tornar-se agente ativo da composição dos espaços urbanos. Múltiplas formas de interação com estes espaços fazem com os mesmos estejam em constante modificação assim como os corpos.

## 2. DESENVOLVIMENTO

O primeiro vídeo-performance criado se chama “Incômodas Imposições”. Na ocasião do registro, saímos pelas ruas de Pelotas encontrando locais abandonados ou espaços restritos para interagir. A presença da câmera demarcou uma “barreira” simbólica para possíveis transtornos, pois era como se sua presença demarcasse uma legalidade<sup>8</sup> do que estávamos fazendo, mesmo sendo atitudes consideradas “transgressoras” pelo pensamento normativo. Utilizamos este fator de abertura para várias experiências e foi incrivelmente produtivo, após este dia, combinamos outra “saída de campo”, desta vez pensamos nos figurinos e em um roteiro pré-definido, porém sempre flexível.

O fator flexibilidade é uma política corriqueira de grupo, pois nossas propostas são abertas aos atravessamentos do cotidiano, da rua, dos espaços limitados, das pessoas que compartilham a cidade. Pude sentir que estas experiências e aberturas ao atravessamento começaram a transformar meu olhar sobre a cidade, trazendo um sentimento ativo e não passivo ao que concernem os espaços urbanos, citando Britto e Jacques, sobre o ato de resistência ao corpografar:

A corpografia urbana de resistência se dá quando um corpo experimenta um espaço urbano não espetacular, e isso ocorre mesmo involuntariamente. Diferentes experiências urbanas podem ser inscritas em um corpo, o que pode resultar diferentes corpografias. Essas corpografias podem ser cartografadas, mapeadas, representadas ou ilustradas. (BRITO; JACQUES, 2008, s.p).

A resistência é algo vital para existirmos em uma sociedade que experimenta em seus espaços urbanos um quase total processo de gentrificação. O atual momento político<sup>9</sup> também salienta a importância de sermos pessoas mais

---

dança pode estar presente: nos intérpretes, por meio da criação e seleção dos movimentos; no uso do espaço e do tempo por meio dos planos; e na forma como o material capturado é organizado durante a edição. (SCHULZE, G 2011 p. 1)

<sup>7</sup> Faço uso da concepção “fazer-cidade” do Antropólogo Michael Agier (2013)

<sup>8</sup> “legalidade” no sentido assegurado por lei.

<sup>9</sup> O estado brasileiro tal como se constitui, sempre foi formado pela desigualdade e pela imposição de valores. Atualmente com o presidente Michael Temer, e outros políticos escancaradamente fascistas e intolerantes no “poder”, o cenário parece estar mais abafado, o clima de ditadura se mostra mais aparente, e as ondas de repressão cada vez mais visíveis.

atentas e ativas aos espaços urbanos, sendo urgente que tomemos parte da construção deste. A arte funciona como canal para transmutação do estático, é nosso fio condutor para acessar a profundidade que permeia a subjetividade sócio-cultural dominante. A idéia do fazer-cidade se mostra vinculada a esta atitude mais intervencionista da nossa proposta como *performers*.

Neste sentido, o que me parece possível descrever, ao estudar o “fazer-cidade” dos cidadãos, é de que, de qual sentido e de que matéria é preenchido este significativo vazio denominado “direito à cidade”. E a resposta que eu proponho é a seguinte: a cidade é feita essencialmente de movimento. O princípio de relatividade pode ser aplicado à dinâmica urbana como a todos os objetos da ciência social. Ele nos permite evitar os pensamentos normativos que, por sua vez, tendem a congelar as dinâmicas sociais. (AGIER, 2015, p. 484)

A arte possui esta possibilidade de transformação social a partir das rupturas propostas, assim quando agimos na rua, no efêmero, quem é atravessado se coloca em algum lugar de reflexão e crítica, negativa ou positiva tanto faz, o que importa é tirar da passividade os corpos vivos da urbanização. O vídeo editado de forma envolvente e cativante<sup>10</sup> é um aliado para difusão dessa possibilidade de olhar.

### 3. RESULTADOS

A presença do registro em seu formato editado para vídeo-dança nos possibilita a interação com outros públicos, quebrando um pouco a lógica do efêmero, presente nas ações performáticas. Acessar e dar acesso ao público em geral aumenta a capacidade de transformação possível nas ações performáticas, e leva ao espectador um novo olhar sobre a cidade, sobre a limitação do espaço, e sobre manejos do corpo dentro destas limitações.

A vídeo-dança<sup>11</sup> se tornou uma aliada imprescindível nesta conquista por alteridade nos espaços urbanos. Torna possível um diálogo em eterna construção, uma vez que atua em nossos corpos no ato do fazer, pois temos que pensar e nos articular em conjunto para realizarmos as nossas pré-definições flexíveis do ato cênico e performático, gerando desde aí um processo de reflexão entre nós. Este despertar pode ser compartilhado entre nós do grupo, como entre quem busca compreender novas formas de ser, existir e criar nas cidades e nos centros urbanos.

A hibridização como uma situação contemporânea se mostra nas frestas e costuras do projeto, assim como o despertar para as áreas de conhecimento humano que podem ser interdisciplinarizadas e dialogarem entre si, somos seres maleáveis, vivemos em um planeta que tem a característica da mutabilidade presente, isso aparece na natureza e isso aparece no concreto, aparece também na forma de criar e de descobrir dos seres humanos.

### 4. AVALIAÇÃO

O corpo se relaciona com o espaço que habita e é necessário tomarmos parte deste conhecimento, como ato de resistência e também como método de auto-conhecimento pelo movimento. O projeto Caminhos da dança na rua possibilita que qualquer pessoa experimente o mundo da dança em seu formato mais espontâneo, o que se gera e o que se transforma no, e pelo cotidiano. Traz

---

<sup>11</sup> Linguagem artística contemporânea em ascensão, o termo é recente e vem sendo utilizado amplamente.

consigo uma potência – e uma responsabilidade – de transformação social ao ter um diálogo multidisciplinar que faz trocas simultâneas com várias áreas do saber, como o cinema, arquitetura, antropologia, psicanálise etc.

Ter a vídeo-dança como ferramenta de auxílio às ações, se transformando também na própria “matéria bruta” do nosso trabalho, é uma maneira eficiente de poder continuar a fazer este intercâmbio de conhecimento independentemente do local e da hora e da data. Algo extremamente incômodo para a normatividade vigente estruturada numa sociedade permeada por biopoder<sup>12</sup> pois floresce nos corpos uma possibilidade de autonomia, reapropriação e transformação de uma sociedade em estado de gentrificação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, M. Do Direito à Cidade ao Fazer Cidade. O Antropólogo, A Margem e O Centro. **MANA** 21, V. 3, p. 483-498, 2015.

BRITTO, D. F. e JACQUES, B. P. Cenografias e Corpografias Urbanas Um diálogo Sobre as Relações do Corpo e Cidade. **Cadernos PPG-AU/UFBA, V. 7, Edição Especial Paisagens do corpo 2008**, Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648/1871>, acesso em: 11/10/2017

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs VOL.1**, São Paulo – SP: Editora 34, 1995.

FABIÃO, E. Programa Performativo<sup>1</sup>: O Corpo em Experiência. **Revista do LUME, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – UNICAMP**. n, 4, p. 1-11, 2013.

FOUCAULT, M. **A História da Sexualidade – A Vontade de Saber**. São Paulo – SP, Editora Paz e Terra

SCHULZE, G. B. Vídeo Dança como Prática Colaborativa. In: **REUNIÃO CIENTÍFICA DO ABRACE**, 6., Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vireuniao/pesquisadanca/8.%20SCHULZE,%20Guilherme%20Barbosa.pdf>, acesso em: 11/10/2017

SCHULZE, G. B. Um Olhar Sobre Videodança em Dimensões. In: **VI CONGRESSO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**, 6., São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vicongresso/pesquisadanca/Guilherme%20Barbosa%20Schulze%20-%20Um%20olhar%20sobre%20videodan%20e%20em%20dimens%20es.pdf>, acesso em 11/10/2017

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental – Transformações Contemporâneas do Desejo**, Porto Alegre - RS: Editora Sulina, 2006.

ROLNIK, S e GUATTARI, F. **Micropolítica - Cartografias do Desejo**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1986.

---

<sup>12</sup> Biopoder é o termo usado pela primeira vez por Foucault em 1976 em seu livro “A história da sexualidade” fala sobre como o estado exerce o controle político sobre a sociedade inserindo normatizações nos corpos das pessoas.